



Da sala de aula

Carlos Melo Brito *

Aluno Paulo Azevedo ouve críticas à Sonae

Esta história passou-se por volta de 1988. Na altura, dava aulas ao MBA no Instituto Superior de Estudos Empresarias - hoje Escola de Gestão do Porto. Na cadeira de Planeamento, Organização e Controlo, que então leccionava, lembro-me que, logo nas primeiras aulas, critiquei a estratégia que vinha sendo seguida pela Sonae. Se bem me recordo, tinha algo que ver com as opções de crescimento do grupo, que não me pareciam, por qualquer razão, as mais adequadas. Curiosamente o caso foi aflorado em aulas subsequentes, tendo voltado a manifestar as minhas críticas. Uma semana depois, uma pessoa da escola perguntou-me: "Sabe que há um filho do Eng. Belmiro de Azevedo que é seu aluno?" Não, com efeito não sabia. "E como se chama?", perguntei. "É o Paulo [o Paulo Azevedo que hoje todos conhecemos]", foi a resposta. Bem, é certo que fiz as críticas na total ingenuidade - mas também, devo dizê-lo, com muita franqueza -, mas se calhar podia ter dito as coisas de forma diferente.

Não houve qualquer problema e acho que o Paulo Azevedo nunca levou a mal, mas não deixa de ser uma gaffe.

Lembro-me igualmente de uma história que se passou há cerca de quatro, cinco anos. Na altura dava aulas num MBA em Marketing no Brasil, concretamente no Nordeste, num curso que se estendia ao longo de dez meses, em regime intensivo de uma semana por mês. A minha cadeira era dada na última semana. Houve, então, um aluno que me interpelou e disse o seguinte: "Ao longo das primeiras nove semanas do MBA, só consegui aprender verdadeiramente uma coisa: as empresas têm que diferenciar os negócios para ter sucesso. E foi o que fiz na minha empresa de mudanças. Deixei de a promover como

empresa de mudanças e passei a dizer que operava na área da 'logística residencial'. A partir daí, o negócio melhorou. Olhe professor, até os cartões e o papel timbrado dizem agora logística residencial!" O que é engraçado é que estamos perante uma questão de

posicionamento: ele admitia que fazia praticamente a mesma coisa, mas mudou a imagem que passava da empresa e o negócio deu assim um salto. Claro, e todos sabemos isso, não basta alterar a imagem, mas por vezes conseguem-se bons resultados com pequenas inovações.

A experiência no Brasil permitiu-me igualmente ter a percepção de diferenças culturais muito peculiares. Por exemplo, enquanto aqui os docentes são habitualmente tratados por "professor" ou "doutor", lá tratam-nos pelo nome próprio. Ou seja, ao fim dos primeiros cinco minutos já era o Carlos para todos os alunos.

O que, aliás, não traz problema nenhum, pois não significa menos respeito ou menor consideração. Representa, isso sim, alguma informalidade nas relações - o que até é bom. Agora, o que é interessante é que quando um aluno nordestino aprecia muito um professor, passa a tratá-lo por "mestre". E, se por acaso, alguém nos trata por "meu irmão", isso significa um elevado apreço e consideração pessoal. Quando nos chamam assim, ficamos definitivamente com o ego cheio.



* Professora Faculdade de Economia da Universidade do Porto



[No Brasil] tratam-nos pelo nome próprio. Ao fim dos primeiros cinco minutos, já era o Carlos para todos.